

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES, DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

N.º 6

Vol. IV

4.º Anno

4.ª Serie

ESPOZENDE 15 DE JULHO DE 1888

## Tradições populares

da

PROVINCIA DO MINHO

(Continuado do n.º 5 do 4.º anno)

VII

Os rapazes quando abraçam o pae ou mãe dizem o seguinte, apertando muito os braços em volta do pescoço:

I

Chi-chi-coração  
da pipa do vinho

e da caixa do pão.

II

Chi-chi-o lô, lô,  
beiginho na neta  
sopapo na avô

(Barcellos)

VIII

Quando nós eramos vivos  
que andavamos por aqui aos figos  
agora que semos mortos  
andamos per aqui aos barrocos.

(Barcellos)

IX

Trunfo é copas,  
ourina é mijo,  
meu pae é medico  
eu não te gasto.

(Espozende)

X

Senhora Maquelina  
no Brazil ha muita ganga  
o 1.º ataque foi na rua da Quitanda  
o 2.º foi na rua da Parada  
d'aqui là  
vai um tiro de espingarda.

(Espozende)

X I

Quando se tem um pé dormente diz-se o seguinte, fazendo com saliva uma cruz no peito do pé:

Pé dormente  
vac-te deitar  
que estás doente. (Espozende)

X I I

Contar as estrellas

Não é bom contar, nem apontar com a mão direita para as sete estrellas; a razão é porque quantas contar quantos cravos lhe nascem nas mãos ou pés, assim também pela mesma maneira quantas vezes apontar com a mão quantos cravos nascem. Isto foi o que me explicaram.

(Espozende)

X I I I

És como S. Benedicto  
que nem come nem bebe  
e anda gordito. (Barcellos)

X I V

Sarampello  
trez vezes ao pello. (Idem)

X V

Beijo rachado

Tambem é muito popular, tanto aqui em Espozende como em Barcellos, e onde por muitas vezes o temos ouvido dizer, o que vamos expor:

A crença diz que as mulheres grávidas não devem trazer mettida na cintura a chave de qualquer entrada de habitação, ou recinto de uso proprio ou domestico, isto porque dá em resultado as creanças nascerem com um dos labios ra-

chado.

Muitas vezes vimos nas freguezias proximas a Barcellos andarem as mulheres com gado no campo a pastar e ao mesmo tempo fiando na roca, e com a chave mettida na cintura; isto prova-nos a contra-dição da crença, sendo certo, porem, que se propala como facto verdadeiro. (Idem)

X V I

Jogos infantis

Pico, pico maçarico  
quem te deu tamanho bico  
lá no campo de D. Ignez  
pille-e-um, pille-e-dois, pille-e-trez  
lá acaba a tua vez. (Idem)

X V I I

Quando está aqui qualquer pessoa prestes a expirar o ultimo arranço da vida, e mesmo depois do fallecimento, é costume, entre a classe piscatoria, romperem, da parte dos doridos e outras pessoas amigas d'estes, gritos ensurdedores e palavras de extremoso affecto, com o fim de darem publico testemunho d'uma amizade illimitada tributada ao cadaver.

Estas lagrimas, porem, são acompanhadas muitas vezes d'uns commentarios que provocam a irrisão aos estranhos!

(Espozende)

X V I I I

Para a massa se levedar depressa

Quando está a massa amassada e prompta para se levedar, junta-se para um canto da masseira, e faz-se-lhe uma cruz em cima (isto é, um rego em cruz), e em seguida, põe-se o sacco em que veio a farinha do moinho em cima para a massa se levedar mais depressa

(Barc. Villa froscainha S. Martinho)

XIX

Deus te acrescente

Quando se está a metter o pão no forno, no fim de este serviço, ou antes de lhe tapar a porta, é costume dizer a seguinte legenda, fazendo uma cruz ao mesmo tempo com a mão direita em frente da porta do forno:

Deus te acrescente  
como o fol da semente.

(Continúa)

(Idem)

J. da SILVA VIEIRA.

Folk-lore Minhoto

CONTOS POPULARES

I

A FORMIGA E A NEVE

O' sol, tú és tão forte que derretes a neve, que meu pé prende?

—Mais forte é a parede, que me encobre!

O' parede, tú és tão forte que encobres o sol, que derretes a neve, que meu pé prende?

—Mais forte é o rato, que me fura!

O' rato, tú és tão forte que furas a parede, que encobre o sol, que derrete a neve, que meu pé prende?

—Mais forte é o gato, que me come!

O' gato, tú és tão forte que comes o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve, que meu pé prende?

—Mais forte é o pau, que me batel  
O' pau, tú és tão forte que bates no gato, que pilha o rato, que fura

a parede, que encobre o sol, que derrete a neve, que meu pé prende?

—Mais forte é o lume que me queima!

O' lume, tú és tão forte que queimas o pau, que bate no gato, que pilha o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve que meu pé prende?

—Mais forte é a agua que me apaga!

O' agua, tú és tão forte que apagas o lume, que queima o pau, que bate no gato, que pilha o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve que meu pé prende?

—Mais forte é o boi, que me bebel!

O' boi, tú es tão forte que bebes a agua, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no gato, que pilha o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve que meu pé prende?

—Mais forte è o homem que me domina!

O' homem, tú és tão forte que dominas o boi, que bebe a agua, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no gato, que pilha o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve que meu pé prende?

—Mais forte é a morte, que me mata!

O' morte, tú és tão forte que matas o homem, que domina o boi, que bebe a agua, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no gato, que pilha o rato, que fura a parede, que encobre o sol, que derrete a neve, que meu pé prende?

*Ingroda ingroda acabou-se a historia.*

II

O PASSARINHO e o HOMEM

Era uma vez um passarinho que foi a um campo buscar um milheirinho, pondo-se em cima d'um carvalhinho: n'isto appareceu um homem, e o passarinho disse-lhe:

—O' homem? corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' Rei? prende o homem, que não quer cortar o carvalhinho, para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' rainha? dá máu viver ó rei, que o rei não prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho.

—Não!

—O' rato? rõe os factos á rainha, que dá mau viver ó rei, que o rei não prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' gato? mata o rato, que rõe os factos á rainha, que dá mau viver ao rei, que o rei não prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' cão? mata o gato, que pilha o rato, que rõe os vestidos á rainha, que dá mau viver ao rei, que o rei não prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' pau? matta o cão, que ferra no gato, que pilha o rato, que rõe os vestidos á rainha, que dá mau viver ao rei, que o rei não

prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' lume? queima o pau, que mata o cão, que ferra no gato, que pilha o rato, que rõe os vestidos á rainha, que dá mau viver ao rei, que o rei não prende a justiça, a justiça não prende o homem, o homem não corta o carvalhinho para tirar o meu biquinho!

—Não!

—O' agua? apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, & & & (segue-se o mesmo até final como acima se lê)

—Não!

—O' boi? bebe a agua, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão & & &.

—Não!

—O' marchante? matta o boi, que bebe a agua, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão & & &.

—Não!

—Eu matto o boi, disse o marchante.

—Eu bebo a agua, disse o boi.

—Eu apago o lume, disse a agua.

—Eu queimo o pau, disse o lume.

—Eu mato o cão, disse o pau.

—Eu ferra no gato, disse o cão.

—Eu pilho o rato, disse o gato.

—Eu rório os fatos á rainha, disse

o rato.

—Eu dou mau viver ao rei, disse

a rainha.

—Eu prendo a justiça, disse o rei.

—Eu prendo o homem, disse a

justiça.

(disse o homem)

—Eu corto o carvalhinho para o

passarinho tirar o seu biquinho.

—Ora, ora, acabou-se a *histora*.

J. S. Vieira.